

**RECEITANDO FICÇÕES  
PARA AFLIÇÕES: a  
Farmácia Literária x  
Como Proust pode  
mudar sua vida**

RECEIVING FICTIONS FOR  
AFFLICTIONS: Literary Pharmacy x  
How Proust can change your life.

LA PRESCRIPCIÓN DE LAS  
FICCIONES DE AFLICCIONES:  
Farmacia x literaria Cómo Proust  
puede cambiar su vida.

**Ieda Tucherman<sup>1, 2</sup>**

**RESUMO**

Este texto trata do estudo dos vínculos e dos afetos na subjetividade contemporânea. Nosso interesse é o de, sem desconhecer as pesquisas biotecnológicas, apontar que a cultura somática que começou a se desenvolver desde os anos 80, correlata de uma compreensão neuroquímica da subjetividade, atua reforçando um narcisismo pragmático e nos afastando do regime que alimentou nossos sistemas imaginários e simbólicos: a literatura. Com os exemplos do livro *A cura pelo romance* e *Como Proust pode mudar sua vida* buscamos demonstrar como, mesmo quando a literatura se faz presente, sua chave de leitura a aproxima da autoajuda. Resumindo: propomos que a crise das grandes narrativas, inclusive as literárias, é causa e efeito da crise dos

---

<sup>1</sup> Graduada em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestrado em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e doutorado em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Pós doutorado pelo Ircam-Centre Georges Pompidou. Professora Titular do Programa de Pós Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista de Produtividade CNPq 2. [iedatucherman@gmail.com](mailto:iedatucherman@gmail.com).

<sup>2</sup> Endereço de contato do autor (por correio): Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós Graduação em Comunicação e Cultura. Av. Pedro Calmon, 550 - Cidade Universitária, Rio de Janeiro - RJ, Brasil. CEP: 21941-901.

afetos. No mesmo sentido defendemos a necessidade da perda de tempo e a prática do devaneio.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura, autoajuda, afetos.

### **Abstract**

Prescribing fictions for afflictions: Literary Pharmacy versus How Proust Can Change Your Life. This essay addresses to the study of ties and affections in contemporary subjectivity. Our concern is, without ignoring the importance of biotechnological research, to point out that the so-called somatic culture that began to develop since the 80s, correlated to a neurochemical comprehension of subjectivity, operates reinforcing a pragmatic narcissism and moving us away from the regime that fed our imaginary and symbolic systems: literature. Taking as examples *The Novel Cure* and *How Proust Can Change Your Life* we intent to demonstrate how even when literature is present it's reading key approaches to self-help. So, we propose that the crisis of the great narratives, including literary, is the cause and effect of the crisis of affects. In the same sense, we support the need for time wasting and the practice of reverie.

**KEYWORDS:** Literature, self-help, affects.

### **RESUMEN**

Este texto se ocupa del estudio de los lazos y afectos en la subjetividad contemporánea. Nuestro interés es, sin dejar de lado la investigación en biotecnología, señalando que la cultura somática que comenzó a desarrollar desde los años 80, en relación con una comprensión neuroquímico de la subjetividad, funciona el refuerzo de un narcisismo pragmático y alejándose del régimen que nutre nuestros sistemas imaginarios y simbólica: la literatura. Con ejemplos del libro *La curación de la novela* y *Cómo Proust puede cambiar su vida* demostramos cómo, incluso cuando la literatura está presente, su clave de lectura para los enfoques de autoayuda. En resumen, proponemos que la crisis de los grandes relatos, incluyendo obras literarias, es causa y efecto de la crisis



ISSN nº 2447-4266

Vol. 3, n. 1, Janeiro-Março. 2017

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n1p280>

de los afectos. En el mismo sentido, apoyamos la necesidad de recuperar el tiempo perdido y la práctica de la ensoñación.

**PALABRAS CLAVE:** Literatura, autoayuda, afectos.

Recebido em: 22.09.2016. Aceito em: 25.01.2017. Publicado em: 30.03.2017.

*“Às vezes o coração, rasgado pela dor, vira retalho.  
Recomenda-se nestes casos, costurá-lo  
com a linha chamada recomeço. É o suficiente”  
Cora Coralina*

### **1 - Preâmbulos ou contextualização excessivamente pessoal**

As pesquisas têm suas histórias, como demonstram os periódicos relatórios que devemos prestar tanto às nossas instituições de origem quanto às agências de fomento que as apoiam. No entanto, cada um de nós sabe e sente que tais documentos que comprovam publicações, participações em congressos e eventos não dão conta dos meandros que percorremos na vigência dos nossos projetos.

Assumindo uma permissão que não me foi dada formalmente, me deparei com algumas considerações que gostaria de partilhar: percebi que a história das nossas pesquisas, as do nosso campo de ciências humanas e sociais, é profundamente misturada às das nossas próprias vidas. Não indo tão longe a ponto de dizer, como talvez o fizesse um psicanalista, a saber, que fazemos dos nossos sintomas novos projetos, acho válido dizer que nossa curiosidade existencial é o nosso motor e o fato que comprovo é que nunca temos distinção verdadeira entre corpo e texto.

Neste sentido, e retomando as duas declarações de princípio que tenho sistematicamente praticado, de certa forma nossos textos (os meus certamente) são necessariamente ensaios. Isto me permite, ou eu assim o considero usar o pequeno nome próprio, aquele eu que, no meio acadêmico devemos evitar.

Vale recorrer à genealogia da palavra em francês: *essayer*, também sinônimo de *répéter*, quando se trata de dança ou teatro, por exemplo. O que nos conduz à compreensão de que se trata de um jogo de tentativas, palmilhações de caminhos, ou, filosoficamente falando, jogos de repetição e

diferença, que aí é um termo delicado que precisa de imediato se afastar do binarismo ou da definição de um estado de ser. Como afirma Badiou (1993, 21) “Sou tão diferente de um negro de Ruanda quanto do meu primo camponês ou de mim mesmo na semana passada”.

O outro princípio tem a ver com o método: minha escolha foi desde quase sempre marcada pela influência de Nietzsche e sua apreensão foucaultiana, o que me faz conceder à genealogia a possibilidade de introduzir dúvidas e espanto nas aparentes evidências, que não são fundo secreto de qualquer verdade, e mostrar que, aquilo que parece não apenas natural como necessário, é uma produção cultural, um molde de barro (lembrando Nietzsche) longamente cozido pelo tempo e emoldurado pelas linhas dos dispositivos a que pertencem.

Assim sendo, e certamente porque, quando estamos fazendo uma pesquisa aparentemente tudo o que existe, acontece ou sentimos está diretamente conectado ou vinculado a ela- daí a nossa dificuldade de fazer os recortes mais operantes- montamos estratégias que apresentam dois resultados: criam um objeto de conhecimento ou um corpus de observação determinado, mas, ao mesmo tempo, não permitem que apareçam os agenciamentos, as negociações, os encontros e desencontros que fizemos com textos, autores e até colegas, que nos fizeram virar à esquerda ou à direita; para a ilha ou para o continente. Estes ficam suspensos mas, para quem acredita em virtual ou leu Bergson surgem mais tarde, na insistência do passado, deslocados no tempo e produzindo novos links.

Tais viagens no tempo são curiosas: rejuvenescem as coisas e nos fazem presentes onde não estamos mais; no meu caso, o que voltou (sem nunca ter ido realmente embora) foi a reflexão sobre os vínculos e os afetos a partir das manifestações literárias.

Ampliei apostas teóricas localizando-as numa cartografia maior e mais sofisticada. Voltando a pensar na literatura o que era proposto é que, pela singularidade que produzem, as obras tocam as multiplicidades; que os livros são "*cartas que escrevemos a um amigo desconhecido*" (Sloterdijk, 2000, p7) e geram ocasiões de sedução, amores e ódios que consistiram, pelo menos no segundo milênio da civilização ocidental, na nossa paidéia: foi nos livros que aprendemos a amar, sonhar, sofrer e perseverar. Eles alimentaram nossos devaneiros, os day drimming, tão importantes para a formação da nossa sensibilidade quanto os nossos sonhos. A releitura do Seis propostas para o próximo milênio, de Ítalo Calvino (1988) nos trouxe um importante aliado, com suas considerações sobre as qualidades que a literatura tinha para ser sempre, ao mesmo tempo, realidade e proposta, a saber leveza, rapidez, exatidão, visibilidade e multiplicidade.

Engana-se até o âmagô mais profundo quem, lendo tais palavras que designam qualidades, achar que ele sugere que a literatura se aproxime daquelas que a ciência e a tecnologia valorizam e que poderiam ser expressas pelas mesmas palavras. Seus objetos literários são a cabeça da Medusa, as palavras de Mercúrio em Shakespeare, os versos de Ovídio e outros tantos que ele encontra no atrás e não no ainda não gestado.

Leveza é o meu preferido, inclusive porque remeto a um texto de Michel Serres que adoro, La légende des anges(1992), onde o autor nos fala de vários tipos de anjos, lembrando que voam em miríades e que são, como o anjo da Anunciação de Rafael, talvez um dos mais belos e mais reproduzidos quadros do Renascimento Italiano, pura mensageria. O anjo tem que desaparecer para que a mensagem passe. Por isto dizemos que fez-se silêncio porque um anjo passou.

Então, depois de tantos volteios, comecei a pensar em costurar com pontos pequenos e bem redondinhos uma ponte entre a crise das narrativas e a subjetividade contemporânea. Dizendo de forma mais explícita: para mim, a crise das narrativas é causa e consequência, ou melhor efeito e instrumento da crise dos afetos, sem que eu deseje transformar esta ideia num mote nostálgico. No entanto, como espero desenvolver adiante, convivem mal a cultura somática contemporânea e a cultura literária.

### ***Argumentando:***

Em 2015 publiquei um texto *“Nem toda forma de amor vale a pena: paixão é cocaína e amor é rivotril”<sup>3</sup>* relacionado com a minha pesquisa, que ainda está em andamento e também é o contexto deste que escrevo agora e que tem por palavras-chave: vínculos, amor, mídia, biopolítica e autoajuda. Era o início de um esboço onde desenhei três eixos para cartografar os afetos (o amor como o exemplo mais forte) e a subjetividade contemporânea com os discursos e as práticas que os cercam.

Tais eixos seriam: Amor e Cultura Somática; Afeto e redes sociais; Subjetividade, amor e consumo. Nada muito original; minha expectativa de superar o que já foi dito, repetido e incorporado pelo senso comum acadêmico se sustentava nos cruzamentos dos três eixos, mais do que na análise de cada um destes na sua especificidade.

O que eu propunha ali, e o título já o indicava ironicamente, era uma distância crítica de uma compreensão neuroquímica da subjetividade e da hierarquia radical das chamadas biotecnologias na compreensão do humano, pensado a partir de enzimas aminas, hormônios e suscetibilidades genéticas,

---

<sup>3</sup> Revista Recius

produções mapeáveis pelas novíssimas tecnologias de visibilidade. Sem uma relação nostálgica com o universo romântico, que também nos enredou em armadilhas, este ápice da racionalidade científica e matematizável, me parecia fazer desaparecer (e ainda o faz), aquilo que Badiou professa a partir de Espinosa: *“persevera no que te ultrapassa”*. (1994, p. 108). Sempre me parece perigoso tudo o que aponta para uma noção de determinismo biológico.

O exemplo que Badiou fornecia para ilustrar o que propunha, repetindo, *“persevera no que ultrapassa”* era a situação especial de alguém cujo amigo, mais pesado do que o próprio tombasse num buraco e, embora ergonômica e calculadamente se pudesse dizer que o gesto e seu efeito de elevar o amigo para salvá-lo fosse impossível, este acontecesse. Se na ordem do cálculo era inexplicável, na do desejo e do afeto as intensidades desrespeitam as leis dos algoritmos. Alguns podem chamar mesmo de milagre, mas talvez milagre seja exata e tão somente esta possibilidade imprevisível no cálculo das probabilidades, de natureza tão ínfima que pudéssemos compará-lo a um lance de dados com letras que, jogados ao acaso, formassem uma frase com sentido.

Enquanto eu me dedicava a estudar mais de perto a cultura somática e o seu atual estado da arte como referência para a subjetividade contemporânea e para os estudos do humano em geral, dois fatos, sem relação direta entre si, para os quais eu fui uma ponte, se fizeram presentes: o primeiro foi uma coluna do jornal O Globo, Farmácia Literária<sup>4</sup> e o segundo um convite para participar de uma mesa redonda num seminário produzido pela Faculdade de Letras da

---

<sup>4</sup> <http://m.oglobo.globo.com/cultura/a-cura-pela-palavra-16586606>



UFRJ, Busca da felicidade: diálogos interdisciplinares, para o qual propus, a partir de uma conversa mantida num encontro com Maria Tereza Salgado, a organizadora, como título da minha fala: Usos e abusos da leitura de Proust: Como Proust pode mudar sua vida (Alain de Botton) e Proust e os signos, Gilles Deleuze.

## ***2a A farmácia literária***

A coluna já citada de Aqualusa tinha por subtítulo A cura pela palavra. Se fosse restrita a esta apresentação poderia tranquilamente ser associada ao processo da psicanálise, que tem por princípio a rejeição à intervenção medicamentosa e o investimento no trânsito de linguagem. Estaria apontando também, muito provavelmente, para uma crise ou, pelo menos um esvaziamento na procura e na prática desta terapia. A pressa que caracteriza o contemporâneo não suporta nem o tempo nem os silêncios da terapia e lá onde ela reinou, hoje vemos mais frequentemente a ação dos remédios para alteração de humor, o mundo dos tarja-pretas e/ou os textos e terapias de autoajuda, com suas promessas de imediatividade nos resultados.

No entanto, imediatamente abaixo, Aqualusa complementa: A boa poesia acende clarões no cérebro. Certamente ele não estava limitando a literatura à sua forma poética; devia estar em consonância com o conselho de Baudelaire para escritores: "Sê poeta, mesmo em prosa". O que se torna mais claro quando ele comenta o surgimento em 2013 na Inglaterra do que considerou um objeto curioso literário: The novel cure, A cura pelo romance, na sua tradução para o nosso idioma. As autoras do livro, Susan Elderkin e Ella Berthoud, deram para sua obra o subtítulo de Um receituário literário de A a Z e nela propõem a criação de uma *biblioterapia*, que consistiria num processo de receitar literatura para quase todos os males, desde um coração partido até

uma perna quebrada ou ainda uma ressaca, o medo do compromisso ou a falta de senso de humor. No limite, usando os termos das próprias autoras, trata-se de receitar ficção para aflições.

O livro de Elderkin e Berthoud teria sido a inspiração para que um livreiro português, José Pinho, um dos proprietários da livraria lisboeta Ler Devagar engendrar um gesto ainda mais arrojado: criar uma farmácia literária que funcionaria da seguinte forma: o *paciente* se dirigiria ao farmacêutico literário, ou seja, o *biblioterapeuta* narrando seus problemas e apresentando suas queixas e receberia como tratamento, portanto remédio, nesta semântica, um ou dois livros que teriam a ver com as *patologias* mencionadas.

Continuando seu texto, Aqualusa nos fornece o mote, citando um estudo feito pela Universidade de Liverpool segundo o qual a poesia tem um efeito mais intenso para o cérebro tornando-o mais apto a resolver problemas do que a chamada literatura de autoajuda. O motivo que ele invoca para incorporar estas conclusões fala de uma premissa de que os livros de autoajuda, mesmo os menos ruins, não serem mais do que a rerepresentação de uma sequência de lugares comuns.

Certamente pensamos a mesma coisa, contudo acrescentaríamos, a partir da nossa própria pesquisa, outros dados que enfatizam esta crítica. A literatura de autoajuda constrói uma relação de exteriorização tanto no processo quanto na atitude que sugere, seja para superar um problema ou incrementar uma relação profissional, pessoal ou amorosa. A figura do coach, que tanto pode ser a de um dos muitos profissionais que atuam neste campo, cuja origem são os departamentos de recursos humanos das empresas, quanto o texto de um dos livros desta seara com seus sete, dez ou catorze passos para o sucesso ou coisa que o valha, ao mesmo tempo funciona como adestrador enquanto infantiliza e

aumenta a insegurança dos leitores e/ou clientes. O método é prescritivo como já determinamos.

Como afirmamos num texto anterior, apresentando-se *com dois nichos de objetivos, um ligado ao "alimento para a alma" cujas palavras-chave seriam: autoestima; autoconhecimento, bem estar e felicidade e o segundo de natureza pragmática, identificado por sucesso, dinheiro, prestígio, beleza e saúde, a autoajuda realiza uma operação de marketing, uma narrativa motivacional compatível com o biopoder.* (2011).

### **2b- Como Proust pode mudar sua vida:**

Este livro tem por autor o profícuo Alain de Botton, filósofo suíço que investiu bastante na decifração do que seria, do seu ponto de vista, as maneiras mais adequadas de lidar com as transformações aceleradas do mundo contemporâneo. Seus livros tem sido traduzidos em mais de vinte idiomas e tem como ponto de partida a ideia de produzir uma filosofia para a vida cotidiana.

De Botton é declaradamente ateu e foi por praticar este ateísmo que reconhece que, do seu ponto-de-vista, a religião não ajuda a viver ou pensar que escolheu formular nesta sua prática tanto a publicação de numerosos livros como criou a School of life: uma escola para ensinar filosofia prática para ser vivenciada no dia-a-dia, que ele descreve como sendo aberta a qualquer um mas esquece de mencionar que não é gratuita. Assim, *The School of Life*, tal como é apresentada no texto feito pelo próprio De Botton. é endereçada às pessoas que não conseguem mais ver na Religião uma fonte de saúde emocional e mental, e pretende substituir o vazio criado pela "não-existência de Deus", com cultura, literatura, filosofia, arte e psicologia. De Botton projetou e criou essa escola

objetivando ser o “lugar” onde o homem moderno deveria buscar respostas para lidar com suas dificuldades e seus medos.<sup>5</sup>

Neste sentido poderíamos considerar que De Botton participa do chamado “neo atéismo” que tem como figuras de proa Richard Dawkins, Daniel Dennett e Christopher Hitchens e que poderia ser expresso desta maneira: o potencial conforto produzido por uma crença não deve poder lhe conferir valor de verdade. Este movimento, que tem crescido sobretudo na cultura inglesa e americana, merece atenção sobre dois aspectos principais: o primeiro se relaciona com uma crítica forte e potente contra as novas e perigosas relações entre a religião e a política que comprometem os valores e as práticas das democracias laicas; o segundo tem a ver com a imposição de censuras, proibições e intervenções tanto na pesquisa científica quanto no ensino das ciências como se viu na adoção do criacionismo contra as teorias evolucionistas de Charles Darwin. Neste aspecto é importante a contribuição de um divulgador de filosofia da vida cotidiana; todos os aliados são bem-vindos nas lutas contra todos os fundamentalismos.

Sua bibliografia é volumosa: Ensaio de Amor (1993); O movimento romântico (1994); Kiss and Tell (1995) Como Proust pode mudar sua vida (1997); O Consolo da filosofia (2000); A arte de Viajar (2002); Desejo de Status (2004); A arquitetura da felicidade (2006); Uma semana no aeroporto (2009); Alegrias e Tristezas do trabalho (2009); Religião para Ateus (2011).

O primeiro livro publicado de Alain de Botton foi Ensaio de Amor, de 1993 que buscava analisar o processo de como as pessoas se apaixonam e depois se desiludem. Seu estilo tinha características especiais já que misturava elementos literários com reflexões próximas de uma psicologia comportamental algo banalizadora ou de um texto de autoajuda. No entanto, o reconhecimento

---

<sup>5</sup> Entrevista concedida ao jornal Estado de São Paulo em 2013.

mundial veio exatamente com a publicação da sua primeira obra de não-ficção, *How Proust Can Change Your Life* (Como Proust pode mudar sua vida), em 1997.

O livro foi baseado na vida e nas obras de Marcel Proust e pode ser entendido como uma sagaz mistura de autoajuda envolvida em ficção, tal como aparece no site do autor. Fez grande sucesso nos países de língua inglesa e poderíamos provocar dizendo que, como habitante da ilha, de Botton cometeu a suprema heresia de se apropriar de um dos cânones da literatura universal, um monumento literário francês.

Bastaria apresentar a sucessão e o título dos capítulos para verificarmos como se desenvolve o texto: Como amar hoje; Como ler para si mesmo; Como não se apressar; Como sofrer com sucesso; Como expressar suas emoções; Como ser um bom amigo; Como abrir os olhos; Como ser feliz; Como abandonar os livros. A repetição do **como** no início de cada capítulo revela a escolha do autor, ou seja, encontrar em Proust um conjunto de receitas para escolhas e decisões que, se praticadas com lucidez e tenacidade tornariam possível para todos os que tivessem acesso ao tal livro, mudar a sua vida para outra melhor, mais gratificante e feliz.

Para o seminário ao qual me referi defini as linhas que ia seguir no Usos e abusos da leitura de Proust como uma provocação para pensar algumas questões relativas a uma discussão bem antiga que parece retorna por meios contemporâneos: a arte deve ser medida ou produzida a partir de seu critério de utilidade? Sem julgamento a priori, duas propostas de leituras se relacionam de maneira contrastante com esta inquietação: a primeira seria a de Alain de Botton que se quer quase terapêutica, fazendo aparecer Proust, um dos mais herméticos escritores do século XX, a partir de rubricas que podemos associar aos títulos da literatura de autoajuda, ao contrário, em Deleuze, se utilidade

existe, ela reside no fato de ser a literatura a experiência de gaguejar na própria língua, produzir mundos possíveis no campo da arte e dos sistemas de pensamento. Neste caso, ao contrário de acalmar ou indicar caminhos, sua função é nos lançar na zona do inesperado.

### ***3-Contrastes e tensões:***

Farmácia literária e Como Proust pode mudar sua vida teriam, aparentemente afinidade. Nos dois casos estaríamos confiando à literatura o poder de curar e/ou transformar as nossas vidas. Entretanto falam de uma concepção de cura/transformação de um ponto de vista muito diferente, a partir de pressupostos específicos e, principalmente, de uma mentalidade muito diferente. Eu arriscaria afirmar que falam também de temporalidades diferentes que podemos nomear como sendo a que marca a diferença entre a pressa e a urgência, duas formas de relação entre tempo, projeto e acaso. E qual seria o sentido disto? Pressa se liga a querer acelerar o tempo e buscar antecipar o encontro com o futuro; na aceleração que caracteriza nossa atualidade seria o tempo que nos conforma, veloz e linearizado. As terapias breves como a autoajuda assim como as intrusões farmacêuticas pertencem a este universo.

Urgência fala de um virtual desencontro tanto com o passado reatualizado quanto com o futuro nele atrelado. Foucault, definindo um dispositivo faz menção a uma urgência histórica que seria a condição de possibilidade do seu surgimento, mas é na noção de intempestiva de Nietzsche que melhor compreendemos esta dimensão temporal que "age no tempo, contra o tempo, a favor, eu espero, de um tempo que virá". (1976, III,3,4) Este é um dado fundamental porque há na urgência tanto uma dimensão anacrônica quanto trágica que, a nosso ver, não aparece na pressa.

Citamos Deleuze acima, falando de Proust e os Signos e por muito que ele mereça um cuidado particular e uma análise dedicada, este texto não investirá nela por questões de espaço e dispersão. Não deixaremos no entanto de recorrer, a um outro texto do mesmo, Critique et clinique, onde Deleuze fala dos escritores como sendo os “médicos do mundo”. Contudo ele nos lembra que estes tem saúde frágil, ou como quer a sua definição, tem uma pequena saúde, resultado de dar a vida pela obra. Este seria o motivo pelo qual o escritor perde o corpo para a página.<sup>6</sup> A ideia da pequena saúde já nos serve de auxílio na distância que gostaríamos de tomar dos corolários da cultura somática, lembrando que esta pertence ao que Roberto Esposito chamou de paradigma imunitário, (2012,121).

Tal paradigma nascido de uma interlocução com o conceito de biopolítica de Foucault é definido pela genealogia linguística: *immunitas* seria, para começar, o contrário de *communitas*, ou seja, o que é comum. Mas é, na verdade, mais do que isto: funciona por dupla negação- é o contrário de *communitas*, que, por sua vez, não existe, seria uma ilusão político-social.

Nada mais perto, aos nossos olhos daquilo que chamamos de narcisismo técnico-científico realizado na produtiva e viciada relação entre ciência e mídia, sua semântica e sua retórica e no efeito produzido pelas matérias veiculadas do e no real; de um lado as matérias sobre as biotecnologias prometem expandir a vida até quase a imortalidade; de outro, matérias ligadas ao meio ambiente, especialmente as vinculadas ao aquecimento global que ameaçam com a morte da espécie, numa inversão do projeto moderno onde o contrato social

---

<sup>6</sup> No seu livro Lógica do Sentido Deleuze nos mostra, quando se aproxima de Joe Bousquet, o que quer dizer este deslizar corpo e mundo, letra e página. Joe Bousquet era uma maratonista que levou um tiro na coluna no último dia da primeira guerra mundial. Tendo ficado paraplégico começou a escrever belíssimos textos, o que levou Deleuze a afirmar que ele transferiu o ritmo dos passos nos traços das letras.

protegeria a população ( coletivo, sociedade, humanidade) e o indivíduo, radicalmente finito, era o lugar de fragilidade. A hipótese é que a mídia, a divulgação científica e a atuação dos atores envolvidos parecem construir um **narcisismo tecno-científico**.

#### ***4-The novel cure (A cura pelo romance):***

“The novel cure” propõe, como já o dissemos uma **biblioterapia**, uma experiência aplicável a corações partidos e a pernas quebradas, ou seja, ao que chamamos de males físicos e psíquicos. Antes de desenvolvermos vale a pena observar que são apresentados como naturais fatos da vida tanto o coração sofrido quanto a perna avariada. Que o sofrimento não precisa nem deve ser erradicado, ao preço de uma assepsia do sensível, que viver supõe encontros e encontrões e que estes são radicalmente singulares. Mesmo que atendam por um nome que parece pertencer à cadeia dos universais, tais como dor e alegria, são pessoais e intransferíveis.

Aqui não se trata de repetir o já batido lema de que ler nos permite viver aventuras sem o risco que elas representariam se o fizéssemos no real: neste caso a literatura, nesta chave de leitura, seria o perfeito complemento da cultura somática que professa que o melhor é viver sem riscos ou com um cálculo muito preciso destes. E como esta última se apresenta baseada no gerenciamento dos cálculos de risco que devem balizar nossos movimentos no mundo, podemos responsabilizá-la em parte pelo que Eva Illouz chamou de fobia dos engajamentos (2012, p103).

Isto seria muito restrito para dar conta da nossa relação com os livros: lemos porque **nos** constituímos pela leitura, porque esta alimenta o nosso imaginário na pauta descrita por Mannoni (1973) do “Eu sei... Mas mesmo



assim”, ou seja, sabemos que não se trata da realidade mas mesmo assim nos envolvemos porque uma coisa inefável e transitória acontece. O que poderia explicar que ainda nos emocionemos lendo Dom Quixote<sup>7</sup>, livro escrito entre 1610 e 1615 não é compreendermos como historiadores ou sociólogos a vida de um fidalgo rural espanhol da Andaluzia do século XVII; ao contrário, sendo um romance fundador (é considerado o primeiro romance na história da literatura ocidental) talvez vejamos nele “um todos nós” já que foi a literatura que conduziu sua vida e sua loucura.

Assim a literatura não é panaceia: Não sendo autoajuda não nasce para consolar, poupar, dirigir ou mesmo aconselhar. Eu gostaria de pensar que ela vive de um jogo de assombrar-desassombrar. Recorrendo de cor à Aula de Barthes (1980-p19), a vida é sutil e a ciência é grosseira. A literatura surge para corrigir esta distância. Acho possível dizer que ela foge sobretudo do senso comum com seu pequeno fascismo que busca o consenso. Seu terreno é, ao contrário o do dissenso, o singular.

Já mencionamos o **como** que abre cada capítulo: cabe agora ver o processo. Para começar, De Botton usa o texto de uma das cartas de Proust, cujo pai foi médico e autor de livros de autoajuda, especialmente ligados à higiene dos jovens. Nesta carta nosso autor afirma que gostaria que seu livro ajudasse tanto as pessoas como teriam feito os escritos pelo seu pai, que eram, a rigor, manuais. Isto parece autoriza-lo a fazer uma inteligente apropriação pragmática e prescritiva daquele que foi, talvez, o menos utilitário dos escritores, que definia seu ofício como o da tentativa de inventar outra língua inexistente ou o de gaguejar na própria língua. Esqueceu-se ou não considerou, na estratégia que escolheu que “os poetas são fingidores” e que Proust sempre

---

<sup>7</sup> Na minha dissertação de mestrado mencionada na apresentação, Sobre o discurso literário, o texto analisado é o Dom Quixote de Dom Miguel de Cervantes.

soube que não escrevia para aconselhar. Se alguma dúvida tivesse havido, a dificuldade de editar seu livro, cujo primeiro volume foi custeado por ele mesmo e as inúmeras recusas que recebeu das editoras teriam definido sua distância de uma leitura linear.<sup>8</sup>

A Vida é sutil e a ciência é grosseira. A literatura surge para corrigir esta distância. Acho possível dizer que ela foge sobretudo do senso comum com seu pequeno fascismo que busca o consenso. Seu terreno é, ao contrário o do dissenso, o singular.

Para Ella Berthoud e Susan Elderkin, autoras de The novel cure, os amantes da literatura tem usado os livros como remédios, consciente e inconscientemente, e frisam, os de ficção, não os de autoajuda. Explicam dizendo que o romance tem várias formas de atuação quer percebamos ou não; às vezes é o ritmo da prosa trabalha na psique, estilizando ou estimulando nosso mundo sensorial; outras é uma ideia ou experiência sugerida por um personagem que tem o poder de nos transportar para outra existência e nos fazer ver o mundo de outro modo. Lembram André Gide quando este declara que ler um autor é sair com ele em viagem; desta ninguém volta como foi.

Assim, finalizam as autoras, para qualquer que seja a sua aflição as prescrições serão simples: um ou dois romances que devem ser lidos em intervalos regulares. Alguns tratamentos atingem de fato a cura; outros mostram que não estamos sozinhos nas nossas angustias, dúvidas e dores. Todos vão oferecer, sem dúvida, alívio temporário, pela capacidade de transportar própria da literatura.

---

<sup>8</sup> Vale mencionar que André Gide, então leitor da Gallimard, foi um dos recomendaram a não publicação de Em busca do tempo perdido. Anos mais tarde, para penitenciar-se traduziu-o para o inglês, usando como título um verso de Shakespeare: " Remembering things past ".

Finalmente, aí incide nossa observação pessoal: o contato com a arte, com a boa literatura, de certa forma redime os homens da sua mediocridade. Diante deles temos mais certeza que o gênero homem deu certo e mesmo que seja apenas a ponte que conduz ao além homem, o caminho vale por si como na maravilhosa poesia Viagem à Ítaca de Constantino Kavafis:

*Se partires um dia rumo à Ítaca  
Faz votos de que o caminho seja longo  
repleto de aventuras, repleto de saber.*

#### **5- Como Proust pode mudar sua vida:**

No caso do texto de Alain de Botton e muito provavelmente porque para ocupar, mesmo que de forma diferente um lugar lateral do da religião que ele combate como capaz de explicar o mundo, o que se busca é o consenso, o universal, o religare que, originalmente pertencia ao campo do religioso, a literatura abre mão de seus mistérios em troca de ocupar o lugar institucional dos mistérios religiosos.

Já mencionamos o Não faremos, como já o afirmamos, uma análise de Proust, mas alguns comentários podem ser interessantes para pensarmos a captura do autor pelo comentador. Na conclusão do seu texto, de Botton deduz do último volume do Em busca do tempo perdido, O tempo redescoberto, que o que Proust revela, finalmente, é que não foi uma vida vivida que foi medíocre e sim a lembrança que se tem dela. O tempo redescoberto seria esta recuperação pela memória do que esta mesma esmaeceu ou apagou. Não é propriamente um erro, mas é tão pouco para falar da memória involuntária que Proust de fato inventou.

Outras incursões são curiosas: Gosto particularmente de algumas: a primeira pertence ao capítulo “Como sofrer com sucesso: (65-113) onde, falando de Mme Verdurin ,” porquê um personagem como ela sofre tanto? E a resposta de Proust (que na pena de Botton aparece como conselho universal )” Porque sempre queremos mais do que temos e sempre há mais pessoas que não nos convidam do que aquelas que convidam ”(99). Aliás, Alain de Botton termina cada capítulo com “A moral” No caso deste a define assim:

*“A moral? Reconhecer que a melhor chance pra nos sentirmos contentes reside na sabedoria que nos é transmitida em código por meio de tosses, alergias, gafes sociais e traições emocionais e evitar a ingratidão daqueles que culpam as ervilhas, as pessoas maçantes, o tempo e o clima”. (p. 111).*

Certamente a fórmula moral do nosso autor tem um pequeno toque proustiano; o que ele não explora é exatamente o que faz de Proust um proustiano, a saber, seu jogo de signos do mundo sensível que forma um faiscante caleidoscópio e foi considerado por alguns intérpretes como a criação de um *esnobismo* enquanto chave de leitura destes mesmos signos: frequentando dois mundos diferentes o narrador confronta o universo dos burgueses Verdurin e dos aristocratas duques de Guermantes a partir de elementos estéticos e demonstra que tais universos são de tal modo codificados, sobretudo nos últimos, que só quem pertence a este os reconhece: são pequenos gestos, a maneira de segurar a bengala, o leque ou o garfo, a música que ouvem, aquilo que apreciam como comida; se e quando imitados parecem pastiches e antes de salvar, denunciam o não pertencimento a esta classe ou mundo estético.

A última remete mais ao nosso texto do que ao do próprio De Botton e faz parte do capítulo V- “ como expressar suas ideias”: “ O problema dos clichês

não é o de conterem ideias falsas , mas articulações artificiais de ótimas ideias ”  
(129)

O próprio Alain de Botton aliás, joga com seu próprio texto: perguntando a partir do desejo de Proust: *“talvez devêssemos nos perguntar se é possível que algum romance tenha efetivamente qualidades terapêuticas, se este gênero é capaz de oferecer mais alívio do que se pode obter com uma aspirina, um passeio no campo ou um dry Martini ?”* (27) Curioso é que ele não se refere nem à religião, nem à autoajuda, nem aos remédios para transtorno de humor.<sup>9</sup>

#### **6- Convidando Badiou para a mesa:**

Na conclusão do seu livro e indicando o que seria mais uma moral depreendida de Botton deduz do último livro de Em busca do tempo perdido, O tempo redescoberto, que o que Proust realmente revelaria a partir do famosíssimo episódio das madeleines, seria a compreensão de que não foi a vida vivida que foi medíocre, o que assim foi visto foi a lembrança dela. Não cabe aqui exigir que fizesse parte do texto de De Botton a imensa colaboração de Proust para a compreensão da memória voluntária e involuntária, um dos pontos mais considerados quando se fala de Proust como um genial estudioso dos meandros mais complexos da subjetividade; mas fica claro que a redução deste imenso estudo a um conselho de cuidar da imagem que fazemos da nossa vida é autoajuda na veia.

---

<sup>9</sup> E, pensando bem o dry Martini, um dos mais cinematográficos drinks de todos os tempos poderia ser o favorito dos Guermantes, se o gim fosse de ótima qualidade, o gelo fosse apenas lavado no Noilly Prat, e uma minúscula colher com uma casca de laranja fosse acesa na ponta até cair o primeiro pingo no copo. Depois uma azeitona, num lindo copo translúcido de forma muito elegante, De preferência no Harry-s Bar de Veneza, onde foi inventado.

Numa direção oposta, na conferência chamada Arte e Filosofia ( 1994) , Alain Badiou desenvolve uma perspectiva muito mais instigante: seu ponto de vista é que a arte é simultaneamente o que há de totalmente infinito pela sua radical abertura a todas as leituras e o que há de mais definitivamente finito de todas as coisas. Escrever fim, limpar os pincéis, mandar para a ilha de edição são mandatórios para que a obra simplesmente seja. A arte seria então e portanto um jogo de finito/infinito, processados nas suas intensidades e nos seus inacabamentos.

Seguindo adiante, e para não cair na questão do autor como origem nem desqualificar uma singularidade, Badiou descreve os movimentos estéticos como pertencentes a configurações diferentes (poderíamos chamar de constelações) que teriam nas obras seus pontos-sujeito. Tais configurações estão longe de serem lineares, são tensas e turbilhonadas, mas algo faz das obras um conjunto.<sup>10</sup>

Falando do romance como uma destas configurações, ele mapeia uma linha que começa com Dom Quixote (1610-1615) e termina em dois vértice: James Joyce e a explosão da linguagem; Marcel Proust e a explosão da sensibilidade. Não quer dizer que não se escrevam mais romances, o que ele está nos dizendo é que, para a sua análise a configuração completou-se e a forma implodiu pelo impulso sofrido na obra de Proust e Joyce. Penso que é uma maneira outra de falar da crise das narrativas: não porque ficaram anacrônicas e sim porque foram tão longe que ainda não as alcançamos e elas apagaram os caminhos.

---

<sup>10</sup> Vale lembrar que Badiou é matemático

Parece ser assim de outro patamar que se está pensando na própria leitura: no caso de De Botton há o apelo da autoajuda regido por moral e conselho, o que às vezes o aproxima de um manual. Um dos exemplos interessantes é a relação que este identifica entre amor e ciúme em Proust que o leva a citar “Não há dúvida de que uma observação como “Não, esta noite não estou livre” é mais frequentemente a causa do amor do que os encantos de uma pessoa “(211) A mim isto remeteu a um conjunto de bobagens que na nossa adolescência pensávamos como estratégias.

Na chave de Badiou , e isto é uma suposição não autorizada, a relação entre ciúme e amor tem perspectivas diversas: do ponto de vista temporal é uma relação de confusão entre as qualidades dos tempos presente, passado, futuro, intensa, infinita e irrealizável<sup>11</sup>, certamente não disponível para aconselhamentos já que envolve o vício, insistência do presente e a impossibilidade, desistência do futuro de conhecer e possuir o desejo do outro sem que este desejo, deixando de se instalar na espera morra de puro agora.

No seu Elogio do Amor Badiou tenta resolver esta questão definindo o amor como insistência na diferença, a relação amorosa sendo a radical construção do dois. Se pensarmos que ele fala de quatro condições para um acontecimento a saber, a arte, a ciência, a política e o amor, talvez o que ele nos diga possa reenviar ao infinito radicalmente finito.

### ***7- Considerações finais:***

Retomando do início, certamente a farmácia literária nos ajude a resistir à moderna indústria farmacêutica e aos pressupostos contemporâneos que

---

<sup>11</sup> Nosso Dom Casmurro de Machado de Assis é um brilhante exemplo de um livro sobre amor, ciúme e suas temporalidades.

parecem desejar o fim do sofrimento, sem compreender que este seria também, muito provavelmente, o fim da alegria, dos dons que fazemos de nós mesmos ao acaso.

O texto Como Proust pode mudar sua vida, de Alain de Botton, apesar da afinidade temática busca atuar de forma diferente: não é o conjunto Em busca do tempo perdido que é “receitado”, mas as conclusões morais que o autor tira da sua leitura dirigida ao aconselhamento, mesmo que prefiramos mil vezes estes comentários que a atuação coercitiva das religiões que, no limite, são formadoras de rebanhos, como nos ensina desde sempre Nietzsche.

Talvez uma analogia torne mais clara a diferença: quando falamos de viagem, temos em mente dois tipos de viajantes; aqueles que de fato se lançam ao encontro do que podem encontrar e os que viajam com o fio de Ariane ou um bando de pedrinhas garantindo o caminho de volta. De Botton escreve um guia, a leitura livre aponta o terror e prazer do encontro com o Minotauro.

O leitor de Proust, nosso caso exemplo, encontra-se e se perde muitas vezes na busca, mas poucas vezes as perdas, o amor, a morte, a doença, a amizade, a arte, a sensualidade e o erotismo foram tão esteticamente explorados.

A cada um a sua Madeleine.

## Referências

BADIOU, ALAIN, **Éthique: essai sur la conscience du mal**, Paris, Hatier, 1993

BADIOU, ALAIN, **Por uma nova teoria do sujeito**, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1994





ISSN nº 2447-4266

Vol. 3, n. 1, Janeiro-Março. 2017

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v3n1p280>

BADIOU, ALAIN, **Éloge de l'amour**, Paris, Flammarion, 2009

BARTHES, ROLAND, **A Aula**, São Paulo, Cultrix, 1980

CALIGARIS, CONTARDO, **Todos os reis estão nus**, São Paulo, Tres Estrelas, 2014

CALVINO, ITALO, **Seis propostas para o próximo milênio**, São Paulo, Companhia das Letras, 1990

De BOTTON, ALAIN, **Como Proust pode mudar sua vida**, Rio de Janeiro, Intrínseca, 2011

DELEUZE, GILLES, **Proust et les signes**, Paris, Minuit, 1964

DELEUZE, GILLES, **Critique et Clinique**, Paris, Minuit, 1993

ESPOSITO, ROBERTO, **Bios : biopolítica e filosofia**, Lisboa, Edições 70, 2010

FOUCAULT, MICHEL, **Sobre a história da Sexualidade in Microfísica do poder**, Rio de Janeiro, graal, 1976

SERRES, MICHEL, **La légende des anges**, Paris, Flammarion, 1992

SLOTERDIJK, PETER, **Regras para o parque humano**, São Paulo, Edições Liberdade, 2000.